



JOSÉ LINS
DO REGO
FOGO MORTO

global

Sumário

PRIMEIRA PARTE – O mestre José Amaro

SEGUNDA PARTE – O engenho de seu Lula

TERCEIRA PARTE – O capitão Vitorino

Fogo morto – *Mário de Andrade*

Dois livros – *Gilberto Freyre*

Cronologia

Sobre o autor

A João Condé Filho

PRIMEIRA PARTE – O mestre José Amaro

1

— BOM DIA, MESTRE ZÉ – foi dizendo o pintor Laurentino a um velho, de aparência doentia, de olhos amarelos, de barba crescida.

— Está de passagem, seu Laurentino?

— Vou ao Santa Rosa. O coronel mandou me chamar para um serviço de pintura na casa-grande. Vai casar filha.

O mestre José Amaro, seleiro dos velhos tempos, trabalhava na porta de casa, com a fresca da manhã de maio agitando as folhas da pitombeira que sombreava a sua casa de taipa, de telheiro sujo. Lá para dentro estava a família. Sentia-se cheiro de panela no fogo, chiado do toicinho no braseiro que enchia a sala de fumaça.

— Vai trabalhar para o velho José Paulino? É bom homem, mas eu lhe digo: estas mãos que o senhor vê nunca cortaram sola para ele. Tem a sua riqueza, e fique com ela. Não sou criado de ninguém. Gritou comigo, não vai.

— Grita, mas é bom homem, mestre Zé.

— Eu sei. A bondade dele não me enche a barriga. Trabalho para homem que me respeite. Não sou um traste qualquer. Conheço estes senhores de engenho da Ribeira como a palma da minha mão. Está aí, o seu Álvaro do Aurora custa a pagar. É duro de roer, mas gosto daquele homem. Não tem este negócio de grito, fala mansa. É homem de trato. Isto de não pagar não está na vontade dele. Também aquele Aurora não ajuda a ninguém.

— Muito trabalho, mestre Zé?

— Está vasqueiro. Tenho umas encomendas de Gurinhém. Um tangerino passou por aqui e me encomendou esta sela e uns arreios. Estou perdendo o gosto pelo ofício. Já se foi o tempo em que dava gosto trabalhar numa sela. Hoje estão comprando tudo feito. E que porcarias se vendem por aí! Não é para me gabar. Não troco uma peça minha por muita preciosidade que vejo. Basta lhe dizer que o seu

Augusto do Oiteiro adquiriu na cidade uma sela inglesa, coisa cheia de arrebiques. Pois bem, aqui esteve ela para conserto. Eu fiquei me rindo quando o portador do Oiteiro me chegou com a sela. E disse, lá isto disse: “Por que seu Augusto não manda consertar esta bicha na cidade?” E deu pela sela um preço. Se eu fosse pedir o que pagam na cidade, me chamavam de ladrão. É, mestre José Amaro sabe trabalhar, não rouba a ninguém, não faz coisa de carregaço. Eles não querem mais os trabalhos dele. Que se danem. Aqui nesta tenda só faço o que quero.

— É verdade, mestre Zé. Ouvi outro dia, na feira do Pilar, um figurão de Itabaiana gabando o seu trabalho.

Lá de dentro da casa ouviu-se uma voz:

— Pai, o almoço está na mesa.

— Espera que já vou – gritou o velho. — Não estou mouco. Seu Laurentino, não faça cerimônia. A casa é sua.

— Muito obrigado, mestre Zé, tenho que ir andando.

— Fique para comer com a gente. Tem pouca coisa, mas dá.

O pintor Laurentino aceitou o convite. O velho José Amaro foi já dizendo para dentro de casa:

— Sinhá, tem gente para o almoço.

Enquanto se ouviu rumor de vozes no interior da casa o mestre foi falando.

— Estou velho, estou acabado, não tive filho para ensinar o ofício, pouco me importa que não me procurem mais. Que se danem. O mestre José Amaro não respeita lição de ninguém.

Dentro de casa o cheiro de sola fresca recendia mais forte que o da comida no fogo. Viam-se, por toda a parte, arreios velhos, selas arrebentadas, e pelo chão, pedaços de sola enrolados. Uma mulher, mais velha do que o mestre, apareceu.

— Bom dia, seu Laurentino. O senhor vai desculpar. O Zeca tem cada uma! É almoço de pobre.

— Nada, dona Sinhá, só fiquei porque não sou homem de cerimônia. Pobre não repara.

O mestre José Amaro, arrastando a perna torta, foi se chegando para a mesa posta, uma pobre mesa de pinho sem toalha. E comeram o feijão com a carne de ceará e toicinho torrado. Para o canto estava a filha Marta, de olhos para o chão, com medo. Não deu uma palavra, só falava o mestre:

— Sou pobre, seu Laurentino, mas não faço vergonha aos pobres. Está aí minha mulher para dizer. Aqui nesta minha porta tem parado gente rica, gente lorde, para me convidar para isto e aquilo. Não quero nada. Vivo de cheirar sola, nasci nisto e morro nisto. Tenho esta filha que não é um aleijão.

— Zeca tem cada uma... Deixa a menina.

— O que é que estou dizendo de mais? Tenho esta filha, e não vivo oferecendo a ninguém.

A moça baixou mais a cabeça. Era pálida, com os seus trinta anos, de pele escura, com os cabelos arregaçados para trás. O mestre José Amaro olhou firme para ela e continuou:

— Não se casa porque não quer. É de calibre, como a mãe.

— Cala a boca, Zeca! A gente não está aqui para ouvir besteira.

— Eu não digo besteira, mulher. Se não quiser me ouvir que se retire. Estou falando a verdade. É só isto que me acontece, ouvir mulher fazer má-criação.

Aí o mestre José Amaro levantou a voz.

— Nesta casa mando eu. Quem bate sola o dia inteiro, quem está amarelo de cheirar sola, de amansar couro cru? Falo o que quero, seu Laurentino. Isto aqui não é casa de Vitorino Papa-Rabo. Isto é casa de homem.

As mulheres foram se levantando da mesa. E o mestre saiu da sala. Havia um pé de bogari cheirando na biqueira. A sombra da pitombeira crescia mais ainda sobre a casa. O mestre José Amaro olhou para a estrada, para os fins da várzea muito verde.

— É o que lhe digo, seu Laurentino. Você mora na vila. Soube valorizar o seu ofício. A minha desgraça foi esta história de bagaceira. É verdade que senhor de engenho nunca me botou canga. Vivo nesta

casa como se fosse dono. Ninguém dá valor a oficial de beira de estrada. Se estivesse em Itabaiana estava rico. Não é lastimar, não. Ninguém manda no mestre José Amaro. Aqui moro para mais de trinta anos. Vim para aqui com o meu pai que chegou corrido de Goiana. Coisa de um crime que ele nunca me contou. O velho não contava nada. Foi coisa de morte, estive no júri. Era mestre de verdade. Só queria que o senhor visse como aquele homem trabalhava na sola. Uma peça dele foi dada pelo barão de Goiana ao imperador. Foi pra trás. Veio cair nesta desgraça. É a vida, seu Laurentino. O mestre José Amaro não é homem para se queixar. Estou somente contando. Aguento no duro.

— Mestre Zé, me desculpe, mas tenho que ir andando.

— É cedo, homem, deixa o sol quebrar.

Pela estrada passou um matuto, com uma carga de farinha. O cavalo levantava lama no chão ensopado.

— É o Chico Cabeça. Homem de bem. Já teve até recurso. Depois que uma filha morreu das bexigas, deu para trás. Quinca Napoleão tomou um sítio que ele tinha no Riachão e o pobre vive hoje do serviço de carga. Deu a macaca nele. Se fosse comigo, Quinca Napoleão não cantava de galo. Ia com a faca no bucho dele. Ah!, lá isto ia! Então, seu Laurentino, um homem tem a sua terra, suou em cima dela, gosta da bicha de verdade, e vem um sujeito ganancioso como Quinca Napoleão e toma? Comigo era na faca. É por isto que eu não quero nada.

Lá para dentro ouvia-se um gemer de voz, um cantar de ladainha. O mestre Zé Amaro parou um instante, como se prestasse atenção à cantiga.

— Para com isto, menina! Para com isto. Não quero ouvir latomia de igreja na minha casa.

— Deixa a menina, Zeca. Vai bater sola.

— É o que sabe dizer esta vaca velha.

E levantando a voz num grito:

— Para com isto. Não quero ouvir latomia de igreja. Na minha

casa manda o galo.

Fez-se um grande silêncio. Parou tudo lá para dentro. Apenas um choro baixo se ouvia, chegando surdo, dos fundos da casa.

— Vai ser assim o dia inteiro. Vai ser este choro, esta peitica até anoitecer. Seu Laurentino, o senhor tem filha? Pois é isto que o senhor vê. Não pode um pai fazer nada, que não venha a mãe tomando as dores.

Sentado no seu tamborete, o velho José Amaro parou de falar. Ali estavam os seus instrumentos de trabalho. Pegou no pedaço de sola e foi alisando, dobrando-a, com os dedos grossos. A cantoria dos pássaros aumentara com o silêncio. Os olhos do velho, amarelos, como que se enevoaram de lágrima que não chegara a rolar. Havia uma mágoa profunda nele. Pegou do martelo, e com uma força de raiva malhou a sola molhada. O batuque espantou as rolinhas que beiravam o terreiro da tenda. Pela estrada passava um comboio de aguardente. O matuto chefe parou para conversar.

— Deus guarde a vossa senhoria, mestre José Amaro. Estamos na demanda do sertão. E sucede que se partiu uma cilha do meu animal. O mestre pode me dar uma ajuda?

O mestre José Amaro olhou para o homem, como se o quisesse identificar. Depois foi lhe dizendo:

— Você não é o Alípio, no Ingá?

— Sim senhor, mestre José Amaro. O senhor sabe, me sucedeu aquela desgraça. Tive que me mudar com o meu povo. Felizmente, com a proteção de Deus, e do capitão Quinquim, me livre.

O mestre José Amaro tomou a cilha partida, fez a emenda e o homem quis puxar dinheiro para lhe pagar.

— Não é nada, seu Alípio. Não é nada.

E quando o comboio se sumiu no fim da estrada, o mestre falou:

— Bicho homem, este Alípio. Avalie que quase menino se espalhou na feira do Ingá que foi aquela desgraça. Gosto de homem assim. Ele fora com o pai vender milho-verde na vila e o cabo do destacamento achou de desfazer do velho. Foi aquela desgraça. Alípio

se fez na faca, espalhou a feira. O cabo ficou para um canto de bofe de fora, e um soldado que se metera a besta não ficou para contar a história. Foi no júri. Encontrou homem para livrar ele. Se fosse aqui do Santa Fé, morria de podre na cadeia. Nem é bom falar.

O pintor Laurentino levantou-se para sair.

— Bem, mestre Zé, muito obrigado, mas o sol está caindo.

— Já quer ir mesmo, homem? Aqui a casa é sua. Passando pela estrada, pare aqui. Sinhá, seu Laurentino já se vai!

Apareceu a velha na porta.

— Desculpe por tudo, seu Laurentino, mas o Zeca é impossível. Vá com Deus.

O bater do martelo do mestre José Amaro cobria os rumores do dia que cantava nos passarinhos, que bulia nas árvores, açoitadas pelo vento. Uma vaca mugia por longe. O martelo do mestre era forte, mais alto que tudo. O pintor Laurentino foi saindo. E o mestre, de cabeça baixa, ficara no ofício. Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. Aquele Laurentino saíria falando da casa dele. Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta. Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola. A filha continuava chorando como se fosse uma menina. O que era que tinha aquela moça de trinta anos? Por que chorava, sem que lhe batessem? Bem que podia ter tido um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse homem macho, de sangue quente, de força no braço. Um filho do mestre José Amaro que não lhe desse o desgosto daquela filha. Por que chorava daquele jeito? Sempre chorava assim sem que lhe batessem. Bastava uma palavra, bastava um carão para que aquela menina ficasse assim. Um bode parou bem junto do mestre. O animal era manso. O mestre levantou-se, sacudiu milho no chão para a cria comer. Depois voltou para o seu tamborete e começou o serviço outra vez. Pela estrada gemia um carro de boi, carregado de lã. O carreiro parou para conversar com o mestre. Estava precisando de correame para os bois. O coronel mandara encomendar no Pilar. Ele gostava mais do trabalho do mestre

José Amaro.

O mestre olhou para o homem. E lhe falou, com a voz mansa, como se não estivesse com a alma pesada de mágoa.

— É encomenda do Santa Rosa? Pois, meu negro, para aquela gente não faço nada. Todo mundo sabe que não corto uma tira para o coronel José Paulino. Você me desculpe. É juramento que fiz.

— Me desculpe seu mestre – respondeu o carreiro, meio perturbado. — O homem é bom. Não sabia da diferença de vosmecê com ele.

— Pois fique sabendo. Se fosse para você, dava de graça. Para ele nem a peso de libra. É o que digo a todo mundo. Não aguento grito. Mestre José Amaro é pobre, é atrasado, é um lambe-sola, mas grito não leva.

O carreiro saiu. O carro cantava nos cocões de aroeira, com o peso das sacas. Foi de estrada afora. O mestre José Amaro sacudiu o ferro na sola úmida. Mais uma vez as rolinhas voaram com medo, mais uma vez o silêncio da terra se perturbava com o seu martelo enraivecido. Voltava outra vez à sua mágoa latente: o filho que lhe não viera, a filha que era uma manteiga-derretida. Sinhá, sua mulher, era a culpada de tudo. O sol estava mais para o poente. Agora soprava uma brisa que agitava a pitombeira e os galhos de pinhão-roxo, que mexia nos bogaris floridos. Um cheiro ativo de arruda recendia no ar. O mestre cortava material para os arreios do tangerino do Gurinhém. Estava trabalhando para camumbembes. Era o que mais lhe doía. O pai fizera sela para o imperador montar. E ele ali, naquela beira de estrada, fazendo rédea para um sujeito desconhecido. Calara-se a sua filha. Uma moça feita, na idade de parir filho, chorando como uma menina desconsolada. Era para o que dava filha única. Sinhá tinha a culpa de tudo. Parou na sua porta um negro a cavalo.

— Boas tardes, mestre.

— Boa tarde, Leandro. Está de viagem?

— Nada não, mestre Zé. Vou levando um recado para o delegado do Pilar que o seu Augusto do Oiteiro mandou.

— Houve crime por lá?

— Duas mortes. O negócio é que havia uma dança na casa de Chico de Naninha, e apareceu um sujeito da Lapa, lá das bandas de Goiana, e fechou o tempo. Mataram o homem e um companheiro dele. Vou dar notícia ao major Ambrósio do sucedido.

— Este Ambrósio é um banana. Queria ser delegado nesta terra, um dia só. Mostrava como se metia gente na cadeia. Senhor de engenho, na minha unha, não falava de cima para baixo.

— Seu Augusto não é homem para isto, mestre Zé.

— Homem, não estou falando de seu Augusto. Estou falando é da laia toda. Não está vendo que, comigo delegado, a coisa não corria assim? Onde já se viu autoridade ser como criado, recebendo ordem dos ricos? Estou aqui no meu canto, mas estou vendo tudo. Nesta terra só quem não tem razão é pobre.

— É verdade, mestre Zé, mas o senhor deve dar razão a quem tem. Seu Augusto não vive se metendo nos negócios da vila. Ele não deixa é que cabra dele sofra desfeita. Homem assim vale a pena. O doutor Quinca do engenho Novo era assim. E assim é que deve ser.

— Não estou caducando. O que eu digo, para quem quiser ouvir, é que em mim ninguém manda. Não falo mal de ninguém, não me meto com a vida de ninguém. Sou da minha casa, da minha família, trabalho para quem quiser, não sou cabra de bagaceira de ninguém.

— Não precisa ofender, mestre Zé.

— Não estou ofendendo. Eu digo aqui, todos os dias para quem quiser ouvir: mestre José Amaro não é um pau-mandado. Agora mesmo me passou por aqui um carreiro do coronel José Paulino. Pergunte a ele o que foi que lhe disse. Não aceito encomenda daquele velho gritador. Não sou cabra de bagaceira, faço o que quero. O velho meu pai tinha o mesmo calibre. Não precisava andar cheirando o rabo de ninguém.

— Mestre Zé está zangado, eu vou saindo.

— Não estou zangado, estou dizendo a verdade. Sou um oficial que não me entrego aos mandões. Quando a gente fala nestas coisas

vem logo um pobre como você dizendo que estou zangado. Zangado por quê? Porque digo a verdade? Sou eleitor, dou o meu voto a quem quero. Não voto em governo. Aqui me apareceu outro dia um parente de Quinca Napoleão pedindo o meu voto. “Votar em quem, seu Zé Medeiros?”, fui lhe dizendo. “Quinca Napoleão é um ladrão de terra. O Pilar é uma terra infeliz; quando sair da mão do velho José Paulino, vai parar na bolsa de Quinca Napoleão.” O homem se foi danado comigo.

Ouvia-se um gemer vindo de dentro da casa. O negro Leandro perguntou para o mestre:

— Tem gente doente na família, mestre Zé?

— Não tenho doente nenhum.

E parou a conversa.

Apitou um trem, muito de longe.

— É o horário do Recife que vem passando. Já está tarde. Mestre Zé, mande as suas ordens.

— É cedo.

A cara fechada do mestre José Amaro se abriu num sorriso para o negro que se despedia.

— Não quer nada da rua, mestre?

— Nada não, muito obrigado. Dê lembrança ao banana do Ambrósio. E diga que se quiser um cabresto eu faço para ele, de graça.

O negro saiu, de estrada afora, esquipando o cavalo arrudado. O mestre José Amaro voltou outra vez para dentro de si mesmo. A faca afiada cortava a sola como navalha. Chiavam na ponta da faca as tiras do couro que ele media, com muito cuidado. Trabalhando para um camumbembe do Gurinhém. Não tinha um filho que falasse alto com os grandes, que tivesse fibra para não aguentar desaforo. Então, muito de longe, começavam a soar as campainhas de um cabriolé. O mestre José Amaro se pôs de pé. Vinha passando pela sua porta a carruagem do senhor de suas terras, do dono de sua casa. Era o coronel Luís César de Holanda Chacon, senhor de engenho de Santa Fé, que

passava com a família. Tirou o chapéu para o mestre José Amaro. As senhoras do carro olharam para ele, e cumprimentaram. Pedro Boleeiro nem olhou para o seu lado. Era o cabriolé do coronel Lula enchendo de grandeza a pobre estrada que dava para o Pilar. A velha Sinhá correu para ver passar o carro. O mestre José Amaro olhou para a mulher, com os seus olhos amarelos, com uma raiva mortal nas palavras que lhe saíram da boca:

— A maluca já parou de chorar?

— Cala a tua boca, homem infeliz, cala a tua boca. Deixa a desgraçada da tua filha sofrer quieta.

O mestre Amaro sentou-se outra vez. O martelo estrondou na paz da tarde que chegava. Ouvia-se já bem distante as campainhas do cabriolé, como uma música que se consumia. Culpada de tudo era a sua mulher Sinhá. O negro Leandro saiu danado com ele. Negro só servia mesmo para o cativo. Ninguém queria ser livre. Todos só desejavam a canga. Bem em cima de sua biqueira começou a cantar um canário cor de gema de ovo. O mestre Amaro já estava acostumado com aquele cantar de um pássaro livre. Que cantasse à vontade. Batia forte na sola, batia para doer na sua perna que era torta. Que lhe importava o cabriolé do coronel Lula? Que lhe importava a riqueza do velho José Paulino? As filhas do rico morriam de parto. O canário não se importava com o martelo do mestre. Um silêncio medonho envolvia tudo, num instante, como se o mundo tivesse parado. Parara de bater o mestre José Amaro, parara de cantar o canário da biqueira. Um silêncio de segundos, de vertigem do mundo. O mestre José Amaro gritou para dentro de casa:

— Sinhá, bota este jantar, faz alguma coisa, mulher dos diabos.

Vinha chegando a noite para a casa do mestre José Amaro. Ele já botara para dentro da sala os seus petrechos de trabalho. Havia barulho de galinha no terreiro. A velha Sinhá tangia a criação para o poleiro.

— Bicho desgraçado, só este – dizia o mestre. — Só faz barulho, só dá trabalho.

2

PEDRO BOLEEIRO CHEGOU NA porta do mestre José Amaro com um recado do coronel Lula. Era para o mestre aparecer no engenho para conserto nos arreios do carro. O mestre ouviu o recado, deixou que o negro falasse à vontade. E depois, como não tivesse gostado, foi se abrindo com o outro.

— Todo o mundo pensa que o mestre José Amaro é criado. Sou um oficial, seu Pedro, sou um oficial que me prezo. O coronel Lula passa por aqui, me tira o chapéu como um favor, nunca parou para saber como vou passando. Tem o seu orgulho. Eu tenho o meu. Moro em terra dele, não lhe pago foro, porque aqui morou meu pai, no tempo do seu sogro. Fui menino por aqui. Para que tanto orgulho? Não custava nada chegar ele aqui e me perguntar pela saúde. Me contava o meu pai que o barão de Goiana não tinha destas bondades. Era homem de trato com os pequenos. E o barão de Goiana tinha razão para goga, era dono de muitos engenhos, homem de muito dinheiro na caixa. Sou pobre, seu Pedro, mas sou um homem que não me abaixo a ninguém.

— Mestre Zé, não tenho culpa de nada não, o homem mandou chamar o mestre, estou somente dando o recado.

— Eu sei, não estou dizendo nada de mais. Falo, como falo com todo o mundo. Eu não posso ver é pobre com chaleirismo, como este Vitorino, cabra muito do sem-vergonha, atrás dos grandes, como cachorro sem dono. O coronel Lula quer que eu vá consertar os arreios do carro dele. Pois eu vou.

— Está tudo podre, mestre Zé. Não posso fazer força que se estoura tudo. Aquilo é coisa de muitos anos.

— É que vocês não têm cuidado com as coisas dos outros. Quebram tudo.

— Não é não, mestre Zé. É que a coisa está mesmo nas últimas.

— O coronel Lula é homem de opinião. É um homem soberbo.

Nunca vi senhor de engenho de tanto luxo. Nunca vi este homem, a pé, correndo os partidos. Veja você o coronel José Paulino. Não sai de cima dum cavalo. E é rico de verdade. O coronel Lula, não. Vive montado naquele cabriolé como um rei.

— É de gosto, mestre Zé, é de gosto. Já o velho Costa de Mata de Vara não anda a cavalo para não gastar os cascos do animal.

— Estou falando é de gente, seu Pedro. Não me venha com o exemplo daquele bicho. Aquilo é um bicho. E bicho muito ordinário. Aqui me chegou ele, uma vez, para me encomendar uma sela. Era um falar que não acabava mais. Falou, falou, e no fim me ofereceu uma miséria. Eu fui logo lhe dizendo: “Capitão Costa, eu vivo disto, eu não estou em condição de dar presente a rico não.” Ah!, disse nas ventas dele.

— O coronel Lula não fica atrás, mestre Zé. Ô homem somítico danado.

— É de raça, seu Pedro, é de raça. Dizem que o pai dele era a mesma desgraça. O pai dele esteve corrido, por causa da revolução de 1848. Dizem que morreu no mato. O meu pai falava desta guerra de 1848. Mataram um primo do barão de Goiana, um tal de Nunes Machado. O pai do coronel Lula andou com este povo. Acabaram com ele. A mulher ficou amalucada, o filho é isto que o senhor conhece.

— É verdade, mestre Zé, aquele homem não regula bem. Não quero falar não, mas digo aqui ao senhor, tenho até medo de viver com aquela gente.

— Qual nada, seu Pedro. É porque o senhor é novo. Conheci o antigo boleeiro de lá, o velho Macário. Nunca vi tanta dedicação por um homem como a dele pelo coronel. Morreu de velho. Contam que Macário viera de Pernambuco para trabalhar com o coronel por causa do pai. Fora cabra do velho Holanda na guerra de 1848. E era macho de verdade. Na questão que o coronel teve com Quinca Napoleão, o velho Macário, um dia, foi ao safado do Quinca e lhe disse: “Olhe, seu major, a minha vida não vale nada, mas a do senhor vale muito. O coronel não pode ser desfeitoado.” Gosto de homem assim como este

Macário.

— Mas mestre Zé, o senhor não paga foro?

— Meu pai não pagava. Estamos nesta terra desde a vinda do sogro do coronel. Aqui fico. O coronel Lula nunca me falou nisto. E eu lhe digo: não é mau homem. Eu não me acostumo é com a soberba dele. Para que tanta bondade, para que tanto luxo? A terra come a gente mesmo... Pois diga ao coronel que vou amanhã fazer o serviço dele.

Quando o boleeiro Pedro se foi, o mestre Zé Amaro ficou com o coronel Lula na cabeça. Conhecera muito senhor de engenho, trabalhara para toda espécie de gente, mas para falar a verdade, o coronel era como ninguém. O que era o Santa Fé comparado com os engenhos vizinhos? Uma várzea de massapê de primeira, uns altos de mata fechada. Terra boa, coisa pequena, mas que daria para um homem viver muito bem com a sua família. Ali vivera o capitão Tomás, pai de d. Amélia, sogro do coronel Lula.

Conhecera-o ainda menino, mas o seu pai falava dele como de homem reto, de trabalho, de ação decidida. Era até político de importância no Partido Liberal e dono de boa escravatura. Depois viera o coronel Lula de Holanda. Vivia com ele há mais de trinta anos, e era aquilo mesmo desde que chegara para tomar conta do engenho com a morte do capitão Tomás. Viera com aquele carro, coisa de luxo, e assim vivia. O mestre José Amaro não sabia explicar, não sabia compreender a vida do senhor de engenho, que era dono de sua casa, da terra que pisava.

Lá fora era um dia bonito de maio. Tudo era verde e o sol quente enxugava a estrada coberta de poças. As cajazeiras davam sombra e pelas estacas as flores das trepadeiras enfeitavam de azul e de roxo o pequeno curral onde a velha Sinhá criava os seus porcos. Os bichos chiavam na manhã clara. O mestre José Amaro deixou o coronel Lula, e a mulher, que atravessava pela sua frente com um feixe de lenha nas costas, tomou conta dele, outra vez. Quis falar com ela, mas parou no meio da palavra que lhe saíra da boca, e para corrigir-se bateu com

mais força na sola que trabalhava. Era a sua mulher Sinhá e não podia esconder o seu ódio por ela. Agora viu a filha sair de casa com uma panela na cabeça, caminhando para o chiqueiro dos porcos. Era de fato a sua filha, mas qualquer coisa havia nela que era contra ele. O mestre José Amaro viu-a no passo lerdo, no andar de pernas abertas e quis falar-lhe também, dizer qualquer coisa que lhe doesse. Martelou mais forte ainda a sola e sentiu que a perna lhe doeu. Com mais força, com mais ódio, sacudiu o martelo. Era a sua família. Uma filha solteira, sem casamento em vista, sem noivo, sem vida de gente.

— Bom dia, mestre Zé.

Era o pintor Laurentino que voltava do Santa Rosa.

— Acabei os serviços ontem de tarde. Foi trabalho muito. O coronel vai dar festa de arromba. Dizem que vem até governador. Também casa a última filha.

— Pintaram a casa toda?

— Tudo está um brinco. Está lá o mestre Rodolfo, botando água encanada para o banheiro. O coronel José Paulino, quando gasta, gasta mesmo.

— Tenho visto passar muito troço. Há quinze dias, quando você passou por aqui, eu lhe dizia que o velho do Santa Rosa não conta comigo para coisa nenhuma. E não me arrependo. Você passa por aqui para contar grandeza da casa dele. Está muito enganado, não me bota água na boca.

— Nada, mestre Zé, o senhor desconfia de tudo. Eu sei que o senhor não vai com o coronel, mas não é para chegar a este ponto.

— É bom parar, seu Laurentino; sou homem pobre, sou um oficial sem nada. E estou contente, não me lastimo. Pode o senhor ir dizendo por aí fora: “O mestre José Amaro não tem inveja de ninguém.” Quem tiver o seu dinheiro que meta no rabo.

— Mestre, não vim aqui para brigar.

— Não estou brigando, homem de Deus. Isto não é briga. Então eu não posso falar a verdade?

— Está certo, mestre Zé, está certo. O senhor me desculpe.

— Não tenho que desculpar coisa nenhuma. Se eu quisesse, estava em Goiana, bem rico de meu. Riqueza de ninguém me faz sofrer.

Houve um pequeno silêncio. O canário cantava na biqueira, com todo o fôlego. E rugia na sola a quicé do mestre José Amaro.

— Seu Laurentino – foi ele dizendo —, um homem vale pelo que é e não pelo que tem. Você esteve comendo na mesa do coronel José Paulino e veio para a minha casa me meter inveja.

— O senhor está enganado, mestre Zé, não sou homem para isto. Não é a primeira vez que como em mesa de rico.

— Não estou enganado não. Eu não me engano.

Estalou na lama da estrada um cavalo esquipando. Os dois olharam e passou num ruço ligeiro o velho José Paulino, de chapéu do chile, grande, de rebenque na mão.

— Bom dia – falou ele, de longe.

O pintor Laurentino levantou-se para tirar o chapéu. O mestre José Amaro grunhiu por entre dentes um bom-dia de raiva. Pararam de falar. A manhã brilhava por todos os lados. Chiava lá para dentro da cozinha o toicinho na frigideira de barro.

— Bom, mestre Zé, vou andando.

— É o que lhe digo seu Laurentino, estas mãos que estão aqui não cortam sola para aquele homem.

— Está direito, mestre; até outro dia.

Velho danado, foi pensando o pintor Laurentino; que natureza de cobra. Que é que tem ele com a vida dos outros? Se se fala de qualquer coisa ele tem sempre o que dizer.

Vinha andando pela estrada, para o Pilar, e em direção contrária viu um sujeito a cavalo, em marcha vagarosa. Pensou que fosse o padre José João, que gostava de andar assim como se não tivesse pressa de chegar. Era Vitorino Papa-Rabo, na sua égua arrudada. Quis passar por fora, pelo atalho, mas Vitorino deu logo um grito:

— Está com medo de quê?

— De nada, capitão Vitorino.

— Vocês todos pensam que sou bicho. Sou homem para ser respeitado.

— Não estou dizendo o contrário.

— Pode dizer capitão. Sou capitão, como o Lula de Holanda é coronel. Não me faz favor.

O pintor Laurentino, na beira da estrada, ouvia o velho Vitorino nos seus arrancos. A égua arrudada mostrava os ossos, a sela velha, roída, a manta furada, os freios de corda.

— Sou homem de respeito. Passei por ali e os filhos duma cabra saíram para a estrada para me insultar. Isto é um desaforo. Sou homem branco como o José Paulino. É meu primo. E estes canalhas não me largam. Está ouvindo, seu Laurentino? O Lula de Holanda anda de carruagem para ver se arranja uma besta que case com a filha dele. Não esteja pensando que sou um camumbembe, seu Laurentino.

A égua vazava água por um dos olhos e a brida arreventada enterrava-lhe de boca adentro. O pintor quis despedir-se, mas Vitorino queria falar mais. A cara larga do velho, toda raspada, os cabelos brancos saindo por debaixo do chapéu de pano sujo, davam-lhe um ar de palhaço sem graça.

— Boa viagem, capitão Vitorino, tenho que chegar cedo em casa.

— Diga a estes cachorros que o capitão Vitorino Carneiro da Cunha é homem para o que der e vier.

E esporeou a égua com fúria. O animal pulou de lado, quase que deitando por terra o cavaleiro. Vitorino, aprumando-se, gritou:

— Bando de cachorros!

Um moleque escondido atrás duma moita de cabreira apareceu de repente na frente do animal para espantá-lo.

— Papa-Rabo, Papa-Rabo!

Vitorino sacudiu a tabica que golpeou o vento com toda a força.

— Papa-Rabo é a mãe, filho da puta.

E o moleque a gritar, quase que nas pernas do velho enfurecido. Vitorino queria que a égua tivesse força para atropelar o atrevido; fincava as esporas, e nada; era aquele passo preguiçoso, aquele se

arrastar de ossos velhos. Lá mais para longe gritou outro moleque:

— O rabicho caiu.

A figura de Vitorino era toda de indignação, de um desespero terrível.

— Cambada de cachorros. Eu sou Vitorino Carneiro da Cunha, homem branco, de respeito.

Falava só, gesticulava como se mantivesse um diálogo com um inimigo. Sacudia a tabica com uma fúria de louco.

— E o diabo desta besta que não anda!

E castigava a égua com impiedade. Pela estrada silenciosa o pisar mole da montaria espantava as lagartixas. O capitão Vitorino Carneiro da Cunha atravessava as terras do coronel Lula de Holanda, do Santa Fé. Ali era a grande aroeira que dava mal-assombrado. Ele não acreditava. Ele não tinha medo de coisa viva, de coisa morta. Passou a pé uma mulher de saia vermelha.

— Bom dia, seu Vitorino.

— Dobre a língua, não sou de sua laia. Capitão Vitorino. Paguei patente foi para isto.

— Me desculpe, seu Vitorino.

— Vá se danando. Vá atrás dos seus machos.

— Cala a boca, velho debochado.

Vitorino quis levantar a tabica agressivamente. A mulher correu para cima do barranco e abriu nos desaforos:

— Velho mucufa. Quem é que não te conhece, cachorro velho.

— Papa-Rabo – gritaram mais adiante.

— É a mãe.

A mulher deixou a estrada e o capitão Vitorino foi continuando a sua viagem. Com pouco mais era a casa do mestre José Amaro. Sim, era o José Amaro da Silva, eleitor de voto livre, o seu compadre José Amaro. Pelo seu gosto o padrinho do seu filho Luís seria o primo José Paulino. Mas a sua mulher tomou o seleiro. Mulher teimosa, de vontade, de opinião. Queria era chamar, encher a boca com um “meu compadre José Paulino”. O diabo da mulher escolhera o outro.

O seu filho Luís estava na Marinha. Seria homem de comando. Os passarinhos cantavam pelas árvores que davam sombra ao capitão Vitorino, de volta para a casa. Todos que o viam lá vinham com deboche; não era homem para debiques. Era o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, de gente muito boa da Várzea do Paraíba. Tivera um primo barão no governo da província. Antes de chegar em casa ia dar uma conversa com o compadre José Amaro. Não era de família como a sua, mas era homem branco, o pai fora filho dum marinheiro de Goiana.

E assim foi chegando na porta do mestre seleiro, o seu compadre Vitorino, pai daquele menino Luís que ele batizou nas missões do frei Epifânio, no Pilar.

— Bom dia, compadre – foi gritando o cavaleiro na porta.

— Bom dia, compadre; não vai se apear?

Vitorino saltou da égua, amarrou o cabresto na cerca e chegou-se para perto da tenda. O mestre José Amaro olhou-o com desprezo. Sempre lhe causava mal-estar aquela companhia de um pobre homem que não se dava ao respeito. Era demais aquela vida sem rumo, aquele andar de um lado para o outro, sem fazer nada, sem cuidar de coisa nenhuma. Era padrinho do filho daquele Vitorino, e quando lhe deram a notícia de que o menino tinha entrado na Marinha, ficara satisfeito. Pelo menos não se criaria assim como o pai, como um bobo pelo mundo afora.

O velho Vitorino olhava para o compadre como para um inferior. Era um seleiro, um mestre de ofício que gente branca como ele não devia levar em conta.

— Muito trabalho, compadre José Amaro?

— Como de costume, compadre Vitorino. Como de costume.

— Eu também ando que não tenho mais descanso. O diabo desta eleição não me deixa parar. Era até para lhe falar, compadre, preciso do seu voto. O major Ambrósio me botou na chapa de conselheiro. Conto com o seu voto. Eles sabem o que vale o capitão Vitorino Carneiro da Cunha. Vou fazer um figurão, meu compadre. O José

Paulino desta vez vai ver o que vale o primo Vitorino.

Apareceu na janela a mulher do seleiro.

— Boa tarde, compadre Vitorino; como vai a comadre Adriana?

— Boa tarde, comadre Sinhá. A velha não vai indo bem, não. Anda numa ciumeira danada. Como se eu fosse um pai de chiqueiro. Mulher danada, comadre, anda me botando vigia por toda a parte.

— O compadre também não cria juízo!

— Mais do que tenho, minha comadre, só mesmo se fosse monge. — E deu uma risada estrondosa.

O mestre José Amaro, de cara fechada, era como se não escutasse nada da prosa do velho.

— Meu compadre, só queria que você visse a figura que fiz na festa do Maravalha. Olhe que havia uma rapaziada de chifre apontando. Pois eu, assim velho, não dava conta do moçame. Era capitão Vitorino para aqui, capitão para acolá. Posso dizer que estou nesta idade, mas não tenho medo desta mocidade que anda por aí.

— Ora, compadre, e o senhor não quer que a comadre Adriana tome cuidado?

— Quero lá saber de cuidado de mulher velha! Cavalo velho, capim novo, comadre Sinhá.

José Amaro, de cara fechada, não fazia sinal de aprovação para aquela conversa. A mulher compreendeu e foi se despedindo:

— Pois compadre, diga à comadre Adriana que apareça. Tenho uns frangos para castração. E só ela é quem sabe fazer estas coisas.

Depois que a mulher se retirou, José Amaro olhou firme para o animal amarrado na cerca:

— Está nos ossos, compadre.

— Não é por falta de trato. Capim não lhe falta, dou-lhe milho, faço tudo o que é possível. É velhice. A diaba nem rincha mais para os pais-d'égua. E quando animal estanca nestas coisas, está nas últimas. Mas meu compadre, eu suspendi a conversa. Eu estava falando na eleição, não é verdade? Conto com o seu voto. Vamos botar o José Paulino para fora de uma vez da política. O Ambrósio

conhece o meu prestígio. Ele sabe que sou homem para levar duzentos votos às urnas. Estes meus parentes da Várzea estão enganados. O capitão Vitorino Carneiro da Cunha tem amigos. Conto com o seu voto?

Pela estrada passava um moleque, a cavalo, e quando viu o velho Vitorino, parou e largou a boca no mundo:

— Papa-Rabo, Papa-Rabo.

Vitorino levantou-se com o corpo mole, pegou de uma pedra e saiu correndo atrás:

— Papa-Rabo é a mãe.

E correu com tanto ímpeto que tropeçou nas raízes da pitombeira e foi ao chão como um jenipapo maduro. O mestre José Amaro levantou-se para ampará-lo. O velho quase que não podia falar. Estava branco como algodão, de corpo mole. Depois que se refez com o copo d'água que bebeu, disse com a voz ofegante:

— É isto que o senhor vê, meu compadre. Me perseguem deste jeito.

Chegara gente da casa para animá-lo.

— Caí com o corpo todo. Muito obrigado. Estes cabras me pagam. Isto é coisa do Juca do Santa Rosa. Estas desgraças me pagam. Corto a cara do safado de rebenque.

O mestre Amaro falou manso para o compadre:

— Compadre Vitorino, eu não quero dizer nada, mas o senhor é culpado de tudo isto.

— Culpado de quê? Não está vendo que isto é perseguição política? Estão com medo do meu eleitorado. Cabras safados. Vou mostrar a todos quem é este velho Vitorino Carneiro da Cunha. Não enjeito briga. Se querem no pau, vamos no pau.

Calou-se o mestre José Amaro, e o capitão Vitorino, já refeito do choque, não parava mais de falar:

— Vou dar com o José Paulino no chão. Vem aí o coronel Rego Barros, é militar, é homem de dar razão a quem tem. Vai ser governador. Ladrão com ele é na cadeia. Dantas Barreto está em

Pernambuco. Franco Rabelo no Ceará. O Lula de Holanda devia chefiar o partido aqui no Pilar. O pai foi homem de mando em Pernambuco, ouvi falar que esteve na guerra de 1848. Gosto do povo do sertão por isto. O meu pai teve terra no Cariri, tinha trinta homens de rifle. Ali é na bala, meu compadre. É do que gosto.

Vinha já escurecendo e um cachorro latia com desespero lá para as bandas do rio. Depois, escutou-se um tiro seco, no silêncio.

— É Manuel de Úrsula, caçando preá – disse o capitão Vitorino. — Este canalha é dos tais que não me respeitam. Pode ficar certo, meu compadre, que uma desgraça eu faço nesta Várzea. Boto as tripas de um no chão. Bem, vou-me embora. – E gritou para o interior da casa: — Comadre, até mais.

— Vá com Deus, compadre.

— E, compadre, posso contar com o voto? – O mestre José Amaro quase que não respondeu à pergunta.

— Posso contar?

— As eleições estão longe, compadre.

E Vitorino, montado na pobre égua, de pernas abertas nos estribos de ferro:

— Mande as suas ordens.

E saiu, no passo do animal cansado. O vulto cresceu na tarde que se punha. Parecia um gigante, aos restos de sol que cobriam as cajazeiras. A égua pulou para um lado, como se fosse se arrebentar. O capitão meteu as esporas e sumiu-se por trás da moita grande de cabreira. O mestre José Amaro ainda o viu na curva da estrada. Ia gesticulando, sacudindo a tabica no ar como se golpeasse inimigos. Ouviu-se então um grito vindo de longe, numa voz fina de menino:

— Papa-Rabo, Papa-Rabo.

E uma gritaria de cachorro cobriu o brado rouco do capitão.

— É a mãe.

Do outro lado o eco respondia abafado. O mestre José Amaro tratou de botar os troços para dentro de casa. Viu a filha que chegava com um pote d'água na cabeça. A mulher tangia as galinhas para o

poleiro. Uma guiné gritava como gente no terreiro. A voz da velha Sinhá enchia tudo:

— Chi, chi.

O mestre Amaro andou um pouco para a beira da estrada. As tanajuras voavam rasteiras, em bando, e caíam no chão sem força para se levantar. Estavam gordas demais. Passou por ele o negro Manuel de Úrsula, de espingarda ao ombro, com dois cachorros amarrados numa corda comprida.

— Boa tarde, mestre. Está tomando a fresca da tarde?

— Vendo o tempo.

— Os moleques, lá em cima, deram com o velho Vitorino no chão. Amarraram uma corda na estrada e o animal do velho tropeçou e deu com o pobre em terra. São uns moleques dos diabos. Botei seu Vitorino no animal. E ele foi descompondo a Deus e ao mundo. Me disse, até, que tinha tido uma briga com o pintor Laurentino, e que tinha dado no homem. Este seu Vitorino não cria juízo.

Os preás mortos deitavam sangue pelo bernal do negro. O mestre José Amaro ficou calado.

— Se gosta, mestre, está aí um preazinho para o senhor. Gordo assim como está, é mesmo que galinha.

E tirou um preá e deixou em cima da relva.

— É comida carregada. Para quem tem ferida é o mesmo que veneno.

O mestre José Amaro agradeceu o presente. E o negro se foi com os cachorros grunhindo. Era quase de noite. Agora na casa não se ouvia uma voz. As galinhas no poleiro se aquietavam para o sono.

— Menina, leva isto lá para dentro.

O capim ficou melado de sangue. Aquele sangue escuro fazia mal ao seleiro. Teve náusea; não podia ver sangue de bicho. E com terra molhada cobriu as manchas. Sinhá já havia botado a criação toda para dormir. Os porcos no chiqueiro fossavam o chão, roncando. O bode, deitado no copiá do lado. Aquele sangue fizera mal ao mestre. Não teve coragem de botar aquele bicho fora. Sinhá faria um guisado e no

outro dia nem mais pensaria naquele sangue imundo. Uma luz de querosene enchia a sala de claridade mortiça. Cheirava mais ativamente a sola nova que viera de Itabaiana. O mestre, então, teve vontade de falar com a família, de abrir-se com os seus, de sentir um agrado de sua filha. Era raro aquilo que sentia naquele instante. Era duro demais, era como um cardeiro cheio de espinhos. Nisto passou pela estrada o cabriolé do coronel Lula. Com as lamparinas acesas, com as campainhas tocando, encheu a boca da noite de vida.

— Dona Amélia vai para o mês de maio – falou a mulher.

— É a vida que eles querem – retrucou o seleiro.

Ainda se ouvia como do fim do mundo as campainhas tocando.

— É por isto que não vão para diante.

— Cala esta boca, herege.

— Não acredito em homem que vive em pé de padre.

A casa voltou ao silêncio.

— Pobre do compadre Vitorino, a comadre Adriana é que vive naquele sofrer. Você não imagina, Zeca, o que ela passa.

— É sina daquela pobre. Nasceu assim e morre assim.

Entrava um vento bom da noite para a casa do seleiro. Cheiravam as flores do bogari, cheiravam as cajazeiras, o jasmim-do-céu se abria para a lua que botava a cabeça de fora.

— É lua cheia hoje?

— É. Você não viu o compadre Vitorino como estava?

Foram os dois para a porta da casa. E viram o céu estrelado, e a paz do mundo, do grande mundo calado. Um cachorro começava a latir, latia com desadoro, e por fim lançava uivos de uma dor profunda.

— Aquilo é para a lua.

— É para a lua. Está sofrendo muito.

Uma nuvem cobriu o céu e tudo ficou escuro. De repente o mundo se clareou outra vez, em luz branca.

— Zeca, olha o sereno. Isto vai dar tosse.

O mestre fechou a janela.

— Está entrando muito mosquito. Vou andar um pouco.

E saiu.

— Toma cuidado com o sereno, Zeca.

O seleiro estava possuído de paz, de terna tristeza; ia ver a lua, por cima das cajazeiras, banhando de leite as várzeas do coronel Lula de Holanda. Foi andando de estrada afora, queria estar só, viver só, sentir tudo só. A noite convidava-o para andar. Era o que nunca fazia. Vivia pegado naquele tamborete, como negro no tronco. E foi andando. Mais para perto da casa de Lucindo Carreiro, parou um pouco. Vinha vindo um vulto de branco. Esperou que ele passasse. Era um portador do Santa Rosa, o negro José Guedes.

— Boa noite, mestre Zé; procurando alguma coisa?

— Andando, estirando as pernas.

O negro se foi. Na lagoa, a saparia enchia o mundo de um gemer sem fim. E os vaga-lumes rastejavam no chão com medo da lua. Tudo era tão bonito, tão diferente da sua casa. Quis andar para mais longe. E se deixasse a estrada? Ganhou pelo atalho que ia para o rio. E deparou com a negra Margarida, que ia pescar.

— Que faz por aqui, mestre José Amaro?

Deu uma desculpa qualquer e voltou para o outro lado. Cheirava toda a terra. Era cheiro de flores abertas, era cheiro de fruta madura. O mestre José Amaro foi voltando para a casa como se tivesse descoberto um mundo novo. Quando chegou, a mulher já estava com medo:

— Que foste fazer a estas horas, Zeca? Sei quem está aluado!

Calou-se, fechou a porta de casa e foi para a rede com o coração de outro homem. Não dormiu. Ouvia tudo que vinha lá de fora. Ouviu o rressonar da filha. O que é que havia com ela? Lembrou-se então do sangue do preá, sujando o verde do capim. O cheiro de sola nova enchia a casa. O mestre José Amaro via a lua muito branca entrando pelas telhas. E dormiu com as réstias que lhe pontilhavam o quarto. Sinhá roncava como os porcos do chiqueiro.

No outro dia corria por toda a parte que o mestre José Amaro

estava virando lobisomem. Fora encontrado pelo mato, na espreita da hora do diabo; tinham visto sangue de gente na porta dele.

3

— PODE DEIXAR O TABULEIRO aí mesmo. Já estava com fome.

— Sinhá Mariana manda dizer ao senhor para desculpar. Hoje é dia de guarda, e o povo da casa-grande está no jejum.

— Este povo vai todo pro céu. Estão pensando que Deus Nosso Senhor gosta de gado magro. Deus gosta é de ver gado de sedenho abrindo. O que foi que a velha mandou hoje? Esta história de bacalhau não é comigo.

— Todo mundo está no bacalhau, mestre Zé.

— Não venho trabalhar aqui para comer isto.

— Os brancos estão comendo, mestre.

— Quero lá saber de branco. Quero é a minha barriga cheia.

O moleque abriu os dentes numa risada gostosa.

— Mestre, o velho anda com essa leseira de reza que não acaba mais.

— É o que eles querem. Estão pensando que oficial é cachorro. Pensam que me machucam, não me chamando para comer na casa-grande. Não sou o pintor Laurentino que vive por aí contando prosa. O mestre José Amaro, menino, tem a sua bondade, também. Tenho trabalhado para senhor de engenho de muitas posses, gente de mesa de banquete, e nunca vi este luxo aqui no Santa Fé.

O moleque ouvia o seleiro, de boca aberta. E enquanto o mestre comia no tabuleiro reparava no olhar duro, na boca grande, nas mãos grossas. Era aquele o homem de quem o povo falava tanto. Diziam que pelas estradas, pela beira do rio, alta noite o velho virava em bicho perigoso, de unha como faca, de olhos de fogo, atrás da gente para devorar. E o moleque por mais que olhasse não via nada daquilo. O mestre José Amaro de fato não era como todos os outros. Gostava

de ouvi-lo, ali vinha-lhe trazer o tabuleiro do almoço, e ali gostava de ficar, reparando no trabalho, no jeito com que o mestre cortava a sola, enrolava o couro, metia a brocha, cosia as correias. Pedro Boleeiro ficava ajudando-o, e de vez em quando o mestre levantava a voz para reparar num malfeito. Os olhos amarelos, a cor de um branco de preso de cadeia, davam ao seleiro um ar diferente dos outros homens que o moleque via nos eitos, nos trabalhos de enxada.

— O coronel Lula – continuava o mestre — está muito enganado comigo. Já trabalhei para muito senhor de engenho aqui da Ribeira, da Várzea de Goiana, e só encontrei homens de tratamento. Ele não; passa por aqui e nem se demora para saber do trabalho, para dar uma opinião. É metido na gravata de manhã à noite, como um juiz de direito. Ora, pobre é gente.

Depois se levantou, foi até a porta que dava para a casa do engenho, olhou firme como se quisesse descobrir uma coisa, e continuou:

— Aí está em que dá o luxo dele. Está aí o engenho num atraso danado. O major Tomás, o que deixou está aí no mesmo pé. Engenho de bestas num tempo deste!

— O mestre já trabalhou em usina?

— Nunca. O José César de Goiana, que foi patrão de meu pai, uma vez me mandou chamar. Não fui, não. Já estou velho, vou ficando aqui mesmo por esta desgraça.

Ouviu-se então um grito de chamado:

— Ó Floripes!

— É o velho gritando? – disse o seleiro.

— É, ele tem um pegadio danado com o Floripes. Floripes é afilhado dele e é também da reza. Está todo dia de tarde e de noite no oratório com a família nas ladainhas.

Ali na casa do carro o mestre Amaro ficava o dia inteiro no serviço. Os arreios do cabriolé estavam em petição de miséria, tudo podre, levado do diabo. A princípio, quis voltar para casa. Não havia material para o serviço. O velho não dava sola, não tinha nada para o

conserto da carruagem. Afinal ficara. No fundo, o coronel Lula agradava. Parecia-lhe um homem aluado. Ficou, trouxe de casa o material necessário e estava ali, botando ordem no luxo do coronel Lula. Pelo menos, o carro do coronel Lula cantaria pela estrada, seria mais alguma coisa que o cavalo ruço do coronel José Paulino. O cabriolé consolava um pouco o seleiro da mágoa que lhe dava aquele senhor muito rico, muito cheio de terras, que lhe dera gritos como se fosse um negro cativo. Gostava de ver o coronel Lula no cabriolé, enchendo a estrada com a sua parelha. O diabo era aquele orgulho do velho, aquela soberba. O moleque se fora e agora, sozinho no trabalho, os pensamentos enchiam a cabeça do mestre e começavam a sair, a criar asas. A vida daquele povo da casa-grande ninguém podia compreender. D. Amélia tocava piano. Era outra satisfação do seleiro. Em casa do coronel Lula havia piano. Era o único que existia por ali. Em Goiana havia senhora de engenho que tocava piano. Por ali, só d. Amélia. O velho José Paulino fora casado com uma filha do major João Alves de Itambé, mulher que perto de d. Amélia fazia vergonha. D. Amélia quando saía de cabriolé era como se fosse dona de todas as terras por onde ela passava de carro. As negras não gostavam dela porque não vivia na cozinha, ouvindo enredadas, metida nas conversas dos camumbembes. Com o cabriolé, d. Amélia era outra força que o seleiro tinha contra o coronel José Paulino. Mas como seria aquele povo por dentro? O velho Lula só andava de gravata, não saía de casa a pé, a filha estivera com as freiras no Recife, e havia aquela doida, andando dentro de casa sem parar, a irmã de d. Amélia. E havia aquele piano. Era tudo o que o povo sabia. A sala de visitas tinha muito quadro, tinha um espelho para o corpo inteiro, tapetes no chão. O velho Lula não abria as janelas da sala de visitas; vivia ela fechada, com o piano de d. Amélia para um canto. E de que vivia aquele povo? As safras do Santa Fé não davam cem pães. Diziam que o velho todo ano ia ao Recife trocar moedas de ouro que o capitão Tomás deixara para a filha.

— Ó Floripes, ó Floripes!

Era o coronel Lula chamando o negro que fazia as coisas na reza. E o mestre Amaro, sem saber por que, pensou na sua filha, naquela sua Marta, toda esquisita, com trinta anos, como se fosse uma menina. Era a sua vida que se ligava à vida do povo da casa-grande. Tinha uma filha que se parecia com aquele povo. O carro do coronel ficaria um brinco com o trabalho que estava fazendo. Daria uma mão de tinta nubian nas rodas, poria tudo da melhor forma. O sol já devia estar muito baixo. Vinha chegando do pasto o gado do coronel Lula. O mestre Amaro levantou-se para estirar as pernas e chegou para fora da casa. Viu o gado do senhor de engenho. Eram umas três vacas, uns dez bois de carro, uns poucos novilhos. Era tudo que o coronel Lula tinha de criação. Fosse comparar aquilo com o gado do Santa Rosa! O mestre foi então se preparar para sair. E estava na porta, de chapéu na cabeça para a viagem, quando chegou o negro Floripes:

— Boa tarde, seu mestre. Está de saída?

— É, já vou pra casa.

— É, seu mestre, que o coronel mandou lhe falar sobre uma questão do capitão Vitorino.

— Que negócio é este, seu Floripes?

— O capitão Vitorino anda dizendo que o mestre vai votar contra o coronel José Paulino, e o meu padrinho mandou falar com o senhor para tomar cuidado.

José Amaro parou um instante. A cara amarela ficou mais lívida ainda.

— Seu Floripes, pode dizer ao coronel que o mestre José Amaro não é escravo de homem nenhum. Eu voto em quem quero. O meu compadre Vitorino me falou neste negócio de eleição, e eu nem sei mesmo o que é que ele quer. Não vou atrás de cabeça de doido.

O sol se punha. O negro Floripes ficou quieto, meio triste. Ouviu-se um toque de sino.

— Está na hora das ave-marias, seu mestre. O meu padrinho vai tirar o terço.

E foi-se. O mestre Amaro parou um pouco junto ao paredão do

engenho, e reparou nos estragos que a chuva fizera nos tijolos descobertos. Pareciam feridas vermelhas. O bueiro baixo, e a boca da fornalha escancarada, um barco sujo. Lembrou-se dos tempos do capitão Tomás de quem o seu pai lhe contava tanta coisa, das safras do capitão, da botada com festas, das pejudas, com a casa de purgar cheia de açúcar. Pela estrada iam passando os dez carros do coronel José Paulino carregados de lã para a estação. Enchiam a tarde de uma cantoria de doer nos ouvidos. Vinte juntas de bois, dez carreiros, cinquenta sacas de lã. Era o Santa Rosa na riqueza que fazia mal ao seleiro. Lá na casa-grande do Santa Fé estava escrito uma data: 1852. Ainda do tempo do capitão Tomás. Mas, afinal de contas, o que era que tinha que ver com tudo aquilo? Tinha a sua família para pensar nela. E saiu de rota batida para casa. A casa-grande do Santa Fé já tinha luz acesa quando dobrou na estrada. Tinha a sua casa, e tinha aquela filha para cuidar. Havia pela estrada a trilha funda aos carros do Santa Rosa. Muito de longe cantavam ainda uma cantiga que agora era tristonha. Por debaixo das cajazeiras foi indo o mestre desconsolado. Pensar na filha era tristeza para ele. Depois pensou no recado do coronel Lula. Por que não lhe viera falar, não aparecera na casa do carro para lhe indagar? Mandara aquele negro com um recado. Velho luxento. Nunca lhe pedira para dar o seu voto, nunca lhe mandara falar nestas coisas. E agora, dando ouvidos às histórias dum maluco como Vitorino. Não voltaria mais a trabalhar no Santa Fé. Mudaria de terra, mas ninguém pisaria por cima dele. Quando foi chegando perto da casa do seu Lucindo, apareceu-lhe pela frente o Salvador, o bicheiro de São Miguel.

— Boa noite, mestre Zé, deu cobra. A velha Adriana, mulher de Vitorino, pegou quarenta mil-réis. Hoje foi dia safado para banqueiro.

José Amaro não quis parar, mas o homem insistiu.

— Mestre Zé, o negócio da eleição está pegando fogo. Estão dizendo que o coronel Rego Barros vem por aí para botar tudo que é rico na cadeia. Acho difícil. Seu Vitorino só fala nisto. Está nos azeites. Sinhá Adriana me disse que ele só se aquieta quando meter-se em

pau.

— Não sei de nada não, Salvador, estou voltando do Santa Fé.

— Está obrando lá, mestre Zé?

— Servicinho de conserto no carro.

— Servicinho? O bicho está caindo de podre. Eu ouvi dizer que o doutor Juca do Santa Rosa, o filho do homem, comprou um carro em Recife que é de primeira.

— Vou andando, Salvador.

— Mestre Zé, passo lá amanhã, para um bichinho.

Esta história de eleição, do coronel Rego Barros, não interessava ao mestre Amaro. Iria aparecer pela estrada carro bonito do Santa Rosa. Podia ser invenção de Salvador. Era já noite fechada. 1852. Por este tempo era menino, tinha o seu pai vivo, não poderia nunca imaginar que seria aquele José Amaro de hoje. Sabia que a sua mulher Sinhá se casara com ele porque não encontrara outro. Estava ficando no caritó e aparecera ele com promessa de casamento. Fingiu que gostava dele para não ficar moça velha, como agora ia ficando a filha. Uma moça velha. Com pouco, nos dias de quaresma, iam aparecer os engraçados para serrar caixão na sua porta, altas horas da noite, como faziam com as moças de seu Lucindo. Serrar moça velha, caçoarem da desgraça dos outros. Não aguentaria, na sua porta não parassem com a brincadeira, que ele faria como o capitão Gila do Itambé, que disparou um clavinote carregado de sal em cima da rapaziada. Pai de moça velha. Já ia perto de casa. Lá encontraria a mulher e a filha, toda a desgraça de sua vida. Era preciso que tivesse mais fibra para aguentar tudo aquilo, para não lhe dar vontade de fazer uma coisa ruim.

4

— COMADRE ADRIANA, O POVO está falando muito do mestre José Amaro.